



BRYAN JAY BOST

DE CASA EM CASA

CRESCIMENTO
DA IGREJA
NOS LARES




Vida Cristã

De casa em casa

Bryan Jay Bost



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
CIP-Brasil. Catalogação na fonte

B739d Bost, Bryan Jay

De casa em casa: crescimento da igreja nos lares /
Bryan Jay Bost. -- São Paulo : Arte Editorial, 2007.

68p.; 21cm.

ISBN 978-85-98172-17-0

1. Teologia Pastoral. 2. Igreja - Evangelização. 3. Vida e
Prática Religiosa. 3. Religião. I. Título.

CDU: 25
CDD: 261.2

06-314

Bibliotecário Responsável: João Vitor Hanna de Souza – CRB 10/1649
joaovitor@bibliotecariovirtual.com

A reprodução desta obra é permitida em parte, desde que para fins não-comerciais e citando a fonte.

Esta obra encontra-se disponível gratuitamente, em formato eletrônico, para *download* ou leitura *online*, em nosso portal de publicações: www.vidacrista.com.br

As citações bíblicas são da versão *Almeida Revista e Atualizada*, salvo indicação contrária.

Copyright © 2005 por Editora Vida Cristã.
Todos os direitos reservados. Essa obra foi editada originalmente na língua portuguesa.

Consultoria editorial: Dr. Alaor Leite
Publisher: Sidney Allan Leite
Coordenação editorial: Magno Paganelli
Digitalização: Jacqueline Foster Bost
Revisão: Barbara J. B. Leite
3ª Edição. dezembro / 2006

Esta é uma edição conjunta de



Rua Tiro ao Pombo, 402 / 2983 - Freguesia do Ó
02844-060 - São Paulo - SP
editora@arteeditorial.com.br

Sumário

Prefácio: Uma Pequena Grande Contribuição	7
Introdução: O Grão de Mostarda	9
1. O Plano do Mestre	13
2. O Crescimento que Deus Quer	19
3. Multiplicação Espiritual	25
4. “A Igreja na sua Casa”	31
5. De Casa em Casa	41
6. A Igreja no Lar	49
7. O Sonho Brasileiro	61
Apêndice: Receita Caseira do Pão da Ceia	65

Prefácio

Uma Pequena Grande Contribuição

Quando concebemos esta obra, tínhamos em mente a grande necessidade da igreja brasileira de se desvencilhar de impecilhos que têm atrapalhado o crescimento do Reino em nosso país.

Bryan Jay Bost tem demonstrado, por meio de seu trabalho na Grande São Paulo e até mesmo no interior do Estado e em outras unidades da federação, que é possível promover o crescimento da igreja sem a imposição de uma carga muito mais pesada do que deveríamos carregar: a carga histórica de querermos ser reconhecidos como “igreja” para os de fora por meio do uso de prédios e templos que nos identificam como tal.

Como o próprio autor explica, a igreja é povo; e o povo mora em casas que podem ser usadas para as reuniões desse povo, como era feito nos primeiros três séculos do Cristianismo.

“... a igreja é povo; e o povo mora em casas que podem ser usadas para as reuniões desse povo.”

Esta obra não visa estabelecer novas doutrinas nem atacar posições que divirjam sobre o conceito de igrejas nos lares. A igreja é uma só: tanto a que se reúne em prédios como a que se reúne em casas. O que este livro traz de novo é uma contribuição e um convite à compreensão do que significa ser povo de Deus, uma nação santa que busca cada vez mais alcançar outros para a família de Jesus.

Sidney Alan Leite
Publisher

Introdução

O Grão de Mostarda

Esta história começou em Manaus. Na verdade, começou em Jerusalém, mas para nós tudo ficou claro em Manaus durante os cinco anos que moramos lá.

Sempre soubemos que a igreja é o povo de Jesus, que não é uma instituição ou uma denominação ou, muito menos, um prédio. Sempre soubemos que a igreja primitiva se reunia em casas. Porém, na leitura dos trechos do Novo Testamento sobre a igreja, havia uma transposição automática para a situação moderna de prédios de igreja, bancos em fileira e homens em traje social dirigindo o culto num palco na frente, completo com púlpito e mesa.

Foi em Manaus que acordamos para a possibilidade da igreja moderna ser igual à igreja primitiva até no local e estilo de reunião. A dificuldade da igreja manauara em cuidar dos assuntos materiais e burocráticos fez crescer o desejo de viver só a vida espiritual sem esses obstáculos. Percebemos que nada daquilo era necessário para o crescimento e bem-estar da igreja. Era uma bagagem pesada e indesejada que contradizia a promessa de Jesus que seu fardo é leve. O peso da parte material tirava a alegria e deixava só um dever árduo.

Quando voltamos para São Paulo, começamos do zero, ou melhor, do “dois”. Éramos só nós dois, eu e Jacqueline, porque decidimos não chamar nenhum discípulo que já estivesse servindo ao Senhor. O alvo era fazer novos discípulos e promover mais crescimento do reino de Deus.

Nos primeiros dois meses, estávamos em dois nos cultos dominicais, eu olhando para Jacqueline e ela para mim. E sempre orando para que Deus abrisse portas de oportunidade. Isso ele fez e, como sempre, além da nossa expectativa. De fato, o Senhor nos levou à fase mais produtiva das nossas vidas.

A dificuldade da igreja manauara em cuidar dos assuntos materiais e burocráticos fez crescer o desejo de viver só a vida espiritual sem esses obstáculos.

Estamos vivenciando a parábola do grão de mostarda — um início tão pequeno que leva a resultados muito grandes. Com a semente do evangelho e nada mais, estamos vendo o poder de Deus em ação: discípulos sendo feitos e a multiplicação de igrejas em casas.

1

O Plano do Mestre

Jesus não somente quer que sua igreja cresça, como também fornece o plano e método para alcançar o mundo inteiro.

“Então, Jesus aproximou-se deles e disse: ‘Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos”. (Mt 28.18-20)

Em Mateus 28.18-20, o Senhor afirma sua autoridade total e garante o resultado final por meio da sua presença espiritual. Ordena que seus discípulos façam outros discípulos dele, que os novos discípulos sejam batizados e os

recém-batizados sejam acompanhados com ensino e incentivo até estarem obedecendo tudo que Jesus quer. Seguramente o que ele mais deseja é que os novos consigam fazer outros discípulos. Desta forma, haverá multiplicação espiritual.

É importante perceber que Jesus não manda evangelizar ou começar igrejas. O alvo não é só levar as boas novas de salvação, mas é ajudar pessoas a tornarem-se discípulos de Jesus. Ao invés de tentar estabelecer igrejas, o plano é aumentar o número de discípulos batizados e ensinados que o próprio Senhor Jesus acrescentará à sua igreja, que é seu povo.

Uma pressuposição sobre a implementação do plano do Mestre é o uso de casas. Qualquer um que lê o Novo Testamento percebe que a igreja primitiva se reunia em casas e não tinha prédios próprios para suas reuniões. Infelizmente, esse fato se esquece na prática

moderna e uma das preocupações iniciais de um trabalho sempre é achar e alugar (ou comprar ou construir) um local para o uso da igreja. O que no primeiro século não tinha importância se torna de suma importância.

Qualquer um que lê o Novo Testamento percebe que a igreja primitiva se reunia em casas e não tinha prédios próprios para suas reuniões.

O uso corriqueiro de casas como locais de aprendizagem e louvor se vê no ministério de Jesus e por todo o livro de Atos. O “quartel-general” de Jesus era uma casa em Cafarnaum (Marcos 2.1):

“Poucos dias depois, tendo Jesus entrado novamente em Cafarnaum, o povo ouviu falar que ele estava em casa.”

A igreja em Jerusalém crescia “de casa em casa” (Atos 2.46-47; 5.41-42). O mesmo se constata no início dos trabalhos em Filipos, Tessalônica e Corinto (Atos 16.15; 17.5-7;

18.7-8). A conclusão é que o plano do Mestre para a salvação do mundo inclui o uso daquilo que todos têm – um local de residência.

A igreja em casa reforça aquilo que ela realmente é: o povo de Jesus. Não é prédio, instituição, hierarquia ou denominação. Não “vamos à igreja”; somos a igreja! Quando um local ou prédio se chama “igreja”, existe desvio espiritual considerável. O que Jesus edificou (Mateus 16.18) não é uma construção material, mas a criação de um povo totalmente devotado a ele.

“E eu lhe digo que você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja...”

Na frase de Jesus, “edificarei a minha igreja”, consegue-se captar a essência do plano do Mestre. O Senhor cria um novo povo para levar sua mensagem e dinâmica de vida ao mundo inteiro. Vale a análise cuidadosa de cada

palavra da frase (para efeitos didáticos, em ordem inversa):

“igreja”

O povo de Jesus, criado por ele para cumprir o propósito divino. A igreja não é instituição ou algo abstrato; são pessoas salvas pelo Senhor, que o seguem e fazem mais discípulos dele.

“minha”

A igreja pertence a Jesus e a mais ninguém. Ofende ao Senhor quando são criadas outras igrejas com nomes e doutrinas diferentes. Qual a igreja certa? A resposta é fácil: a de Jesus.

“a”

O artigo definido define – há uma só igreja, não há outras. No meio da confusão religiosa, com centenas e milhares de igrejas competindo entre si, o povo de Jesus é único e não participa desse meio conturbado.

A igreja em casa reforça aquilo que ela realmente é: o povo de Jesus.

“edificarei”

Jesus criou o que não existia: um povo dedicado a ele de todas as nações do mundo. A igreja não existia no Antigo Testamento; faz parte do Novo Testamento de Jesus. Quando Jesus falou esta frase, estava no meio do seu ministério público e sua morte e ressurreição ainda estavam por vir. Para nós, fica no tempo passado: ele edificou sua igreja. De fato, o livro de Atos é a história desse novo povo feito por Jesus.

Hoje, o plano do Mestre prossegue. Sua igreja existe e se esforça para que muitos outros também sejam discípulos salvos. A igreja não tem sua própria agenda, mas segue integralmente o plano divino.

2

O Crescimento que Deus Quer

Deus quer que a igreja cresça. Não somente quer, como providencia todos os meios. Se a igreja não cresce, é por empregar métodos e modelos que não são do Senhor.

Jesus frisa o crescimento do reino em quase todas as parábolas. Em Marcos 4, Cristo ensina quatro parábolas e três das quatro enfatizam o fator de aumento e multiplicação. Por exemplo, a semente plantada em boa terra rende na base de trinta a cem grãos por um. Numa outra história, um homem planta na certeza de uma ampla colheita. Finalmente, a semente de mostarda, tida como a menor de todas, produz a maior hortalixa da horta.

A lição óbvia é que o plano de Deus para a igreja é que cresça e que cresça muito. As comparações com o mundo físico criado por Deus são instrutivas: Deus garante o aumento espiritual da mesma forma que garante o funcionamento do universo. É só plantar a semente do reino que é o evangelho.

Às vezes, falamos que o crescimento da igreja é QQGO: quantitativo, qualitativo, geográfico e orgânico. Em outras palavras, o povo de Jesus cresce em número de discípulos, em expressão espiritual, em território alcançado e no funcionamento de todos os membros do corpo de Cristo. Em todos estes quesitos, o uso de casas colabora com o crescimento — há mais pontos de contato, maior compromisso pessoal, facilidade em abrir novos trabalhos, mesmo que distantes, e envolvimento de todos na obra de Cristo, não existindo um “último banco” para esconder-se como em salões e prédios.

Crescendo a igreja como Deus quer, a pregação do evangelho ao mundo inteiro deixa de ser sonho impossível para ser o que Jesus pretende: alvo alcançado. O poder explosivo do plano do Mestre se vê na multiplicação que é possível. Suponhamos que um casal faz, cada um, mais um discípulo por ano. Haverá o ensino, decisão da pessoa, batismo e subsequente treinamento, inclusive como fazer outros discípulos. Se o casal continuar nesse ritmo de um discípulo por ano e os novos fizerem o mesmo, depois de vinte anos haverá 2.097.152 discípulos e a igreja única iniciada na casa do casal se tornará em 174.762 igrejas! Tudo isso de um casal seguindo a ordem de Jesus!

O que falta para ter tal crescimento? Falta fé e confiança em Jesus e perseverança para obedecer sem sempre ver

O poder explosivo do plano do Mestre se vê na multiplicação que é possível.

O que falta para ter tal crescimento? Falta fé e confiança em Jesus e perseverança para obedecer...

resultados. O casal citado será grandemente tentado a abandonar tudo porque os resultados iniciais serão poucos. Depois de um ano, haverá quatro pessoas, e depois de dois, oito e depois de três só

16. Num mundo de mega-igrejas, a tendência será de desanimar-se com tão poucas pessoas e abandonar a simplicidade do plano do Senhor para copiar as igrejas humanas. Contudo, é só perseverar e Deus dará o crescimento.

Entretanto, surge outra “dificuldade” – o casal nunca verá as centenas, os milhares e, finalmente, os milhões de convertidos. Continua fazendo um discípulo por ano e reunindo-se em sua casa com um grupo pequeno de pessoas. No fim dos vinte anos, cada um terá feito vinte discípulos de Jesus, aparentemente muito aquém do alvo mundial.

Porém, o que o casal não vê, Jesus enxerga: sua igreja em todos os municípios, em todas as classes socio-econômicas, em todos os cantos do país e sendo levada a todos os países do mundo.

Multiplicação Espiritual

O segredo de Jesus é a multiplicação espiritual: ele começou sozinho e hoje é conhecido no mundo inteiro. Jesus conseguiu essa façanha sem ter recursos financeiros, sem aparecer em entrevistas no rádio ou em programas de televisão e sem contratar uma firma de publicidade. Como o fez? Ensinou uns, que ensinaram outros, que ensinaram outros e assim sem fim. Em outras palavras, pôs em ação o princípio de multiplicação espiritual.

Multiplicação espiritual acontece quando a vida em Jesus se transfere de uma pessoa para outra ou de uma família para outra. O meio é a Grande Comissão de Jesus: fazer discípulos,

Multiplicação espiritual acontece quando a vida em Jesus se transfere de uma pessoa para outra ou de uma família para outra.

batizar e treinar. O que alguém recebe do Senhor não é só para seu bem-estar; deve repassá-lo para outros. Por exemplo, quando Jesus chamou Simão e André, deu-lhes a salvação e, ao mesmo tempo, os fez “pescadores de homens” (Marcos 1.16-18). Essa “pesca”

beneficiaria muitos outros.

“Andando à beira do mar da Galiléia, Jesus viu Simão e seu irmão André lançando redes ao mar, pois eram pescadores. E disse Jesus: ‘Sigam-me, e eu os farei pescadores de homens’. No mesmo instante eles deixaram as suas redes e o seguiram.”

Paulo, em 2Timóteo 2.2, exemplifica com perfeição a multiplicação espiritual. Ele escreve para Timóteo lembrar de todo seu ensino anterior. O que Timóteo aprendeu de Jesus, por meio de Paulo, deveria transmitir a

homens fiéis e capazes de fazer também o mesmo. Esses fiéis repassariam a mensagem a outros. E esses “outros”, o que fariam? Com certeza, levariam a fé em Jesus a ainda outros (que levariam para outros, que levariam para outros, numa cadeia sem fim).

“E as palavras que me ouviu dizer na presença de muitas testemunhas, confie-as a homens fiéis que sejam também capazes de ensinar outros.”

O que começou com um termina em muitos, porém cada um recebe tratamento personalizado. O evangelho chega às massas, mas não é evangelismo em massa. Para alcançar o mundo inteiro, é preciso trabalhar bem com uma pessoa de cada vez.

Sendo assim, não há grande preocupação com desvio da sã doutrina de Jesus. Como o trabalho é pessoal e personalizado e, como toda a ênfase está em seguir Jesus, os novos

... não há grande preocupação com desvio da sã doutrina de Jesus ... o trabalho é pessoal e personalizado e ... os novos discípulos nem cogitam seguir tradições humanas ou doutrinas falsas.

discípulos nem cogitam seguir tradições humanas ou doutrinas falsas. Nesse ponto também se vê o valor do uso de casas – o trabalho em nada se assemelha com o de igrejas humanas. Ninguém nunca recomendaria uma prática falsa simplesmente porque é assim que se faz em outras igrejas. O ponto de comparação entre igrejas nos lares e trabalhos em prédios não existe.

Assim, todo o esforço promove crescimento, ao invés de precisar fiscalizar e controlar a irmandade.

Multiplicação espiritual produz crescimento explosivo. De fato, tanto crescimento que só uma pessoa é capaz de supervisioná-lo: o próprio Senhor Jesus. A igreja pertence a ele e ele cuidará dela. Quando nós, seres humanos,

insistimos em contabilizar e controlar a obra, acabamos limitando o crescimento porque nossa capacidade de supervisão é limitada. Desta forma, não temos o dever de conhecer todos os irmãos e regimentar a obra e os obreiros; devemos entregar tudo ao Senhor, pois ele, pelo poder do Espírito, fará mais do que podemos imaginar.

4

“A Igreja na sua Casa”

A frase “a igreja na sua casa” é rotineira no Novo Testamento. A razão? A igreja, nos seus primeiros séculos de existência, se reunia exclusivamente em casas particulares. A história nos ensina que o imperador romano Constantino construiu o primeiro prédio de igreja quando tornou Constantinopla sua nova capital (cerca de 330 d.C.). Portanto, por 300 anos, o povo de Jesus se reunia nos seus próprios lares. Assim, uma frase comumente encontrada no Novo Testamento é a citação do nome de um discípulo, acrescida do complemento “e a igreja na sua casa.”

Alguns exemplos do uso dessa frase são: Áquila e Priscila em Éfeso (e depois em Roma),

A frase “a igreja na sua casa” é rotineira no Novo Testamento.

Gaio em Corinto, Ninfa em Laodicéia e Filemom em Colossos. Cada um prestava um serviço fundamental por abrir sua casa para a igreja. Sem dúvida, um motivo da expansão rápida vista no livro de Atos era esse uso de casas. Novos trabalhos exigiam fé, amor e iniciativa, contudo não requeriam recursos financeiros para providenciar locais de louvor e ensino.

De certa forma, a história da igreja no livro de Atos é a história do uso de casas. Do início ao fim, o povo de Jesus utiliza todos os seus recursos para o crescimento do reino de Deus, especialmente suas casas:

Atos 2.2

Os discípulos reunidos numa casa quando desceu o Espírito Santo.

“De repente veio do céu um som, como de um vento muito forte, e encheu toda a casa na qual estavam assentados.”

Atos 2.46

Os primeiros convertidos partindo pão de casa em casa.

“Todos os dias, continuavam a reunir-se no pátio do templo. Partiam o pão em suas casas, e juntos participavam das refeições, com alegria e sinceridade de coração.”

Atos 5.42

Ensino diário do evangelho de casa em casa.

“Todos os dias, no templo e de casa em casa, não deixavam de ensinar e proclamar que Jesus é o Cristo.”

Atos 8.3

Discípulos reunidos em casas achados pelo perseguidor Saulo.

“Saulo, por sua vez, devastava a igreja. Indo de casa em casa, arrastava homens e mulheres e os lançava na prisão.”

Atos 10.22

Pregação para Cornélio e sua família na sua casa.

“Os homens responderam: ‘Viemos da parte do centurião Cornélio. Ele é um homem justo e temente a Deus, respeitado por todo o povo judeu. Um santo anjo lhe disse que o chamasse à sua casa, para que ele ouça o que você tem para dizer’.”

Atos 12.12

Reunião de oração na casa de Maria.

“Percebendo isso, ele se dirigiu à casa de Maria, mãe de João, também chamado Marcos, onde muita gente se havia reunido e estava orando.”

Atos 16.15

Casa de Lídia servindo como base de pregação em Filipos.

“Tendo sido batizada, bem como os de sua casa, ela nos convidou, dizendo: ‘Se os senhores me consideram uma crente no Senhor, venham ficar em minha casa’. E nos convenceu.”

Atos 16.34

Batismos e banquete na casa do carcereiro.

“Então os levou para a sua casa, serviu-lhes uma refeição e com todos os de sua casa alegrou-se muito por haver crido em Deus.”

Atos 17.5

Casa de Jasom invadida em Tessalônica na procura dos missionários.

“Mas os judeus ficaram com inveja. Reuniram alguns homens perversos dentre os desocupados e, com a multidão, iniciaram um tumulto na cidade. Invadiram a casa de Jasom, em busca de Paulo e Silas, a fim de trazê-los para o meio da multidão”.

Atos 18.7

Local de reunião de ensino em Corinto transferido da sinagoga para a casa de Tício Justo.

“Então Paulo saiu da sinagoga e foi para a casa de Tício Justo, que era temente a Deus e que morava ao lado da sinagoga.”

Atos 20.20

Lembrança de Paulo de ter ensinado em Éfeso publicamente e também de casa em casa.

“Vocês sabem que não deixei de pregar-lhes nada que fosse proveitoso, mas ensinei-lhes tudo publicamente e de casa em casa.”

Atos 21.8

Ponto de encontro em Cesaréia, a casa de Filipe.

“Partindo no dia seguinte, chegamos a Cesaréia e ficamos na casa de Filipe, o evangelista, um dos sete.”

Atos 28.30

Término da narrativa com a pregação do evangelho por Paulo mesmo em prisão domiciliar.

“Por dois anos inteiros Paulo permaneceu na casa que havia alugado, e recebia a todos os que iam vê-lo.”

A utilização dos nossos lares está entre os fatores que a igreja moderna deveria copiar da igreja primitiva. Hoje, há poucos novos trabalhos por causa da barreira financeira de alugar ou comprar um prédio ou salão. Com o uso de casas, congregações podem ser iniciadas rápida e simultaneamente. É só orar para Deus

A utilização dos nossos lares está entre os fatores que a igreja moderna deveria copiar da igreja primitiva.

abrir as portas de oportunidade e agir quando ele o fizer.

Como estratégia missionária, o uso de casas facilita tudo. Onde há interesse, podemos levar a mensagem. Onde há discípulos feitos e batizados, podemos começar a igreja (ou melhor, o Senhor já a começou). Não precisamos perguntar sobre quem pagará o aluguel do salão ou de onde acharemos um obreiro para liderar. Os discípulos do local farão a obra, com seus próprios recursos e com sua própria fé e boa vontade. Nossa parte é orar, ensinar, treinar e incentivar. Os novos discípulos farão o resto, inclusive abrir suas casas para abrigar o povo de Jesus.

O crescimento rápido da igreja no livro de Atos se reeditará quando usarmos os mesmos meios. A volta da frase “a igreja na sua casa”

ao nosso vocabulário sinalizará o fim de uma estagnação e o início de um crescimento neotestamentário.

5

De Casa em Casa

A igreja de Jesus cresce e prospera “de casa em casa”. Foi assim no início da sua história e a modernidade não anula as dinâmicas positivas de igrejas nos lares. Os fatores favoráveis continuam à nossa disposição.

Não existe uma fórmula mágica para iniciar trabalhos. Como a obra é de Deus, a chave é confiar totalmente no plano do Senhor e no poder do evangelho. Orar e ficar pronto para entrar em ação é a ordem de cada dia. A pergunta é: o que é que o Senhor fará hoje? Não são planos e estratégias humanas; nem há necessidade de estatísticas e burocracia. O Senhor Jesus comanda tudo e nós, seus discípulos, cooperamos.

Não existe uma fórmula mágica para iniciar trabalhos. Como a obra é de Deus, a chave é confiar ...

Contatos iniciais surgem de todas as formas. Precisamos ficar atentos para qualquer conversa ou ato que chamará atenção favorável ao evangelho. O amor cristão diferencia os discípulos de Jesus das outras pessoas e abre corações.

Uma vez aberta a comunicação, o alvo é deixar Jesus falar por nosso meio. A maneira de fazer isso é basear todos os estudos e mensagens nos quatro evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João). Assim, os novos ouvem diretamente do Senhor e tornam-se seus discípulos, ao invés de ficarem convencidos da verdade de certos pontos doutrinários.

O estilo dos estudos deve ser participativo e não dirigido. O trecho do evangelho é lido por partes e todos (discípulos e não-discípulos) comentam o significado da leitura. Agimos

como coordenadores do estudo, fazendo perguntas que incentivam a participação e o entendimento. Nosso papel é ajudar todos a conhecer Jesus e tomar a decisão de segui-lo. (Quando seguimos esboços e apostilas, a tendência é dar aulas e não fazer discípulos.)

As perguntas feitas são “abertas” e não as que têm uma resposta certa. Queremos que haja debate e interação entre todos. Fazemos perguntas do tipo: “Na sua opinião, por que Jesus falou isso?” ou “Esse ensino de Jesus nos leva a que atitudes e ações?” Perguntas abertas têm várias respostas possíveis e o que o grupo responder determinará o rumo do estudo. Qualquer correção será do tipo: “Olhe no versículo tal, será que Jesus diz o que nós estamos dizendo?”

Dúvidas dos participantes são respondidas invariavelmente por palavras de Jesus, nunca por doutrinas e opiniões humanas. Assim, o

O estilo dos estudos deve ser participativo e não dirigido. O trecho do evangelho é lido por partes e todos comentam o significado da leitura.

trabalho é não-denominacional e não institucional. Não há nada para esconder ou defender. Tudo que Jesus ensina é para seguir. Espontaneamente, as pessoas fazem perguntas-chave sobre pecado, batismo, a igreja, etc. e aceitam com naturalidade as respostas de Jesus. Nunca se ouve colocações ásperas como “essa é apenas sua opinião” ou “é a doutrina da sua igreja”, porque todos sabem que é a palavra do Senhor.

Esse estilo de estudo leva as pessoas a serem discípulos de Jesus por estarem sempre em contato direto com ele e com sua palavra. Seguindo a Grande Comissão (Mateus 28.18-20), os próximos passos são o batismo e ensino após o batismo. Tudo surge naturalmente por

meio da chamada constante de Jesus para obediência e fidelidade.

Seguindo o exemplo do etíope em Atos 8, é o novo discípulo quem pede o batismo e não nós que estamos ensinando. Foi o eunuco e não Filipe que perguntou: “Eis aqui água; que impede que seja eu batizado?” É a própria pessoa que toma a decisão, sem pressa, nem pressão da parte do evangelizador. É a resposta de uma “boa consciência para com Deus,” como em 1Pedro 3.21-22:

“... e isso é representado pelo batismo que agora também salva vocês - não a remoção da sujeira do corpo, mas o compromisso de uma boa consciência diante de Deus - por meio da ressurreição de Jesus Cristo, que subiu aos céus e está à direita de Deus; a ele estão sujeitos anjos, autoridades e poderes.”

Seguindo o exemplo do etíope em Atos 8, é o novo discípulo quem pede o batismo e não nós que estamos ensinando.

A pessoa confessa sua fé, respondendo a uma pergunta como: “Quem é Jesus para você?” e está pronta para o batismo.

Sendo imersão, batismo requer água suficiente para cobrir o corpo da pessoa batizada. Pode ser qualquer água: rio, mar, açude, piscina, banheira, piscina de crianças, etc. A pessoa que ajuda no batismo não tem importância – todos os discípulos têm autorização do Senhor. O papel daquele que ajuda é o de verificar que o corpo fique totalmente imerso e auxiliar a saída segura da água. As palavras faladas variam (não há qualquer exemplo bíblico). Por exemplo, pode-se juntar Mateus 28.19 com Atos 2.38: “Você está sendo batizado em nome de Jesus, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, para

receber o perdão dos seus pecados e o dom do Espírito Santo.”

O trabalho com o novo discípulo não termina com o batismo; de fato, está só começando. Como o batismo é um novo nascimento, o recém-batizado precisa aprender a pôr em prática tudo o que Jesus ensina. E esse acompanhamento é normalmente um processo longo. Seja em horários marcados ou durante conversas espontâneas, o novo convertido aprende mais do Senhor e vive de acordo com o novo ensino. Tudo muda para melhor: atitudes, ações, jeitos de pensar e de se expressar.

O novo discípulo aprende a seguir Jesus em todas as situações: em casa, no serviço, na vizinhança e nas reuniões da igreja. Ele entende que sua vida tem propósito espiritual elevado e que deve compartilhar o amor de Deus com outros, ajudando-os a também serem

O novo discípulo aprende a seguir Jesus em todas as situações: em casa, no serviço, na vizinhança e nas reuniões da igreja.

discípulos de Jesus. O acompanhamento do novo convertido visa essa nova realidade espiritual e inclui assuntos como cultos em casa (hospitalidade, ceia, oferta e louvor), devoção a Deus (oração e leitura bíblica), o lar cristão (casamento e criação de filhos) e valores e moralidade. A ênfase e tempo dados a cada área variará com as necessidades pessoais.

O processo deve ser dinâmico, incentivando-o a fazer novos discípulos. De todas as coisas boas, esta é a que o Senhor quer mais. Seu amor quer abraçar mais e mais pessoas. O novo discípulo demonstra, no seu dia-a-dia, que tem o coração do Senhor. Vê-lo fazer outros discípulos será o sinal do fim da fase de acompanhamento, contudo a amizade em Cristo continuará mais forte ainda.

6

A Igreja no Lar

A igreja no lar não difere em nada da igreja no prédio. Em sua essência é o povo de Jesus. Na prática, há várias diferenças e todas são positivas para a igreja no lar. Jesus não desenhou sua igreja para ambientes frios e impessoais; o Senhor fez sua igreja para ser a família de Deus e famílias vivem em casas.

Discípulos se fazem por contato pessoal e a vida da igreja continua no mesmo estilo. Sempre é informal e pessoal, nunca ritualista e “eclesiástica”. Quando alguém diz que a igreja precisa parecer uma igreja, não está se referindo a um estilo de arquitetura mas a um estilo de vida espiritual. Era assim no início da igreja no Novo Testamento e deve ser assim em tempos modernos.

A igreja no lar não difere em nada da igreja no prédio. Em sua essência é o povo de Jesus.

Igrejas em casa aproveitam esse ambiente familiar. De pouco adianta reunir-se em casa com os mesmos costumes e arranjos de móveis que há em igrejas que se reúnem em salões ou prédios (bancos ou cadeiras em fileira, uso do púlpito, ministrante em pé, uso de roupa mais formal, etc). O jeito doméstico, pelo contrário, une mais as pessoas e faz de todos participantes e não espectadores. Numa casa, é mais fácil entender que não vamos à igreja, que somos a igreja.

As reuniões acontecem todos os domingos e noutros dias possíveis. Durante a semana, os formatos são variados de acordo com a situação das pessoas presentes. O estilo varia muito de acordo com o propósito (estudo bíblico, tempo de oração ou louvor, explicação para novos discípulos ou novos contatos, etc.) e de acordo com os participantes (homens, mulheres,

casais, jovens, crianças, etc.). Sem observar tradições religiosas e, especialmente, a frase costumeira “nunca fizemos assim”, existe liberdade total para a realização de todo tipo de reunião e trabalho.

O culto dominical tem cinco atos bem definidos no Novo Testamento: cantar, orar, ouvir a mensagem de Jesus, tomar a ceia e ofertar. Todos participam ativamente. Segundo a Escritura, são os homens que conduzem os trabalhos. Porém, isso não quer dizer que os outros ficam parados – todos os atos exigem atenção e participação pessoal.

O arranjo da sala (ou cozinha ou quintal) influi muito na dinâmica do grupo. É muito proveitoso se todos podem olhar para todos, o que é possível se as cadeiras (ou sofás) estão em círculo ou ao redor da mesa. Tal arranjo encoraja edificação mútua e os relacionamentos

O culto dominical tem cinco atos bem definidos no Novo Testamento: cantar, orar, ouvir a mensagem de Jesus, tomar a ceia e ofertar.

do tipo “uns aos outros” ensinados no Novo Testamento.

Em João 4.23-24, Jesus mostra o que é adoração a Deus. Deus, sendo espírito, recebe louvor de uma forma espiritual de cada um dos adoradores. Sua frase memorável “em espírito e em verdade” governa o louvor da sua igreja. “Em espírito” indica uma forma espiritual de expressão, de nosso coração a Deus, e lembra que é o Espírito Santo que nos habilita. “Em verdade” frisa a necessidade de sinceridade da nossa parte e também fidelidade aos ensinamentos verdadeiros da Palavra de Deus.

“No entanto, está chegando a hora, e de fato já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. São estes os adoradores que o Pai procura. Deus é espírito, e é necessário que

os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade”.

Cultos em casas precisam seguir essas orientações em todos os atos. A informalidade não deve anular a espiritualidade, nem a fidelidade a Jesus. De fato, a comunicação mais direta e íntima estimula todos a uma participação efetiva.

Todos os cinco atos se fazem todos os domingos. A ordem deles é indiferente. Normalmente, começa-se com canções e orações, seguidas pela mensagem e, depois, a ceia e a oferta. Não há pressa porque, com poucas pessoas, a reunião não fica demorada.

Todos os cinco atos se fazem todos os domingos. A ordem deles é indiferente.

Cantar

Cantamos com alegria louvores ao Senhor e, no processo, ficamos animados espiritualmente.

O Novo Testamento menciona “salmos, hinos e cânticos espirituais.” Salmos são trechos bíblicos cantados, especialmente do livro de Salmos; hinos são composições humanas endereçadas a Deus, enquanto cânticos espirituais são composições humanas que incentivam a vida espiritual. É bom cantar algumas músicas de cada tipo. Ritmo rápido e expressão alegre auxiliam na parte musical. Mesmo assim, o alvo não é beleza musical, mas, sim, expressão espiritual. Todos devem ser estimulados a musicar versículos bíblicos ou compor novos hinos e cânticos.

Orar

As orações devem ser espontâneas e breves, como Jesus ensina. Cada um pode assumir a postura que quiser, contudo normalmente todos continuam sentados (inclusive quem faz a oração). A oração final pode ser precedida por pedidos especiais, cada pessoa fazendo seu próprio pedido.

Um toque bonito é fazer essa oração de mãos dadas, demonstrando a união do grupo.

Ouvir a mensagem

A pregação do evangelho garante a direção certa do culto. Todos ouvem e acompanham ativamente a leitura e explicação. Ficam fortalecidos na fé e louvam a Deus à medida que percebem a verdade e a beleza do plano do Senhor. A igreja em casa oferece um ambiente íntimo, possibilitando a troca de idéias e o uso de perguntas e respostas, práticas essas que aumentam a aprendizagem e o grau de compromisso de todos os presentes.

De preferência, a mensagem vem dos quatro evangelhos. Assim, o povo de Jesus sempre ouve a voz do seu Mestre. Como explica Romanos 10.17, o alvo de produzir e de firmar fé salvadora, só se consegue por pregação com base na palavra de Cristo.

A pregação do evangelho garante a direção certa do culto. Todos ouvem e acompanham ativamente a leitura e explicação.

O pregador da mensagem se entende como um dos participantes do louvor, não como quem domina o trabalho. Sendo assim, ao invés de ficar de pé e afirmar sua autoridade por sua postura, continua sentado, compartilhando a verdade de Jesus, que é para todos, inclusive para ele. O poder da pregação se produz não pela eloquência, postura, roupa ou gestos do pregador, mas pelo evangelho, o “poder de Deus para a salvação.” Desta forma, existe mais sentido de corpo de Cristo, com a valorização de todos os membros do corpo com seus respectivos dons, sem destaque demasiado para o pregador.

Participar da Ceia

A ceia do Senhor retoma seu aspecto de uma pequena refeição nas igrejas em casa. Toma-se os dois elementos – o pão sem fermento e o vinho (ou suco de uva) – de uma forma simples e sem pressa. Muitas vezes, o grupo fica ao redor da mesa de jantar. Há concentração total em Jesus e sua morte e ressurreição. Sendo poucas pessoas, cada uma pode pegar um pedaço grande de pão e apreciar seu sabor e consistência, da mesma forma que o cálice. Pedi à Jacqueline para criar uma receita de pão sem fermento que parece pão e tem gosto de pão. Ela o fez tão bem que a receita tem se espalhado em toda a capital e interior de São Paulo. (A receita se encontra no Apêndice desta obra.)

A ceia do Senhor retoma seu aspecto de uma pequena refeição nas igrejas em casa.

Ofertar

Em igrejas em casas, o povo de Jesus aprende, na prática, a verdade das palavras do Senhor: “Há maior felicidade em dar do que em receber.” A oferta se torna uma alegre demonstração do amor a Deus. No Novo Testamento de Jesus, a oferta é livre, e cada um decide o que vai contribuir, de acordo com seu nível de prosperidade.

Uma vantagem de reunir-se em casas é que a igreja não tem contas ou outros gastos fixos. Sendo assim, a oferta pode ser aplicada totalmente no trabalho do Senhor, fazendo mais discípulos e demonstrando o amor de Deus na vida de outras pessoas. Uma boa forma de fazer isso é ter como um dos assuntos depois do culto o destino do dinheiro da oferta. Todos opinam livremente sobre as opções apresentadas e decidem sobre o uso – pode ser uma viagem missionária, a compra de Bíblias,

uma cesta básica ou remédios, etc. Quem teve a idéia leva o dinheiro para cumprir o alvo desejado. Assim, há participação total em todos os aspectos.

Outro ponto positivo de igrejas nos lares é a possibilidade de alcançar todas as classes sociais.

Quem freqüenta uma casa são parentes, vizinhos, colegas e outros convidados, normalmente todos da mesma situação de vida. Sentem-se bem juntos, especialmente quando o propósito é espiritual. A proliferação de igrejas em casas chega a todos os níveis socio-econômicos, desde a favela até os bairros exclusivos, das vilas rurais aos conjuntos habitacionais das cidades grandes.

Igrejas nos lares encarnam toda a mensagem de salvação em Jesus. O ambiente e a convivência cooperam com a mensagem sobre

Uma vantagem de reunir-se em casas é que a igreja não tem contas ou outros gastos fixos ... a oferta pode ser aplicada totalmente no trabalho do Senhor.

amor a Deus e ao próximo. Frases bíblicas como “família de Deus”, “família da fé”, “casa de Deus” e “casa espiritual” não são vazias e abstratas; retratam a realidade visível do povo de Jesus.

O Sonho Brasileiro

O Senhor Jesus e seus seguidores se unem no alvo de fazer discípulos de todas as nações. O que o Senhor quer é o que sua igreja quer. Não existe outro programa ou agenda. O crescimento da igreja é a prioridade número um.

Infelizmente, é raro ver tal prioridade na prática da igreja moderna. No lugar de ser o povo de Jesus, a igreja copia as tendências do mundo religioso. Tenta conseguir o crescimento, que vem só de Deus, por meio de táticas e estratégias humanas. Não deveria ser surpreendente a frustração total que ocorre: os resultados são pífios e, quando há aumento visível, não há consistência espiritual.

A única solução é ser o que Jesus quer que sejamos e fazer o que o Senhor quer que

façamos. O sonho dele vira nosso: discípulos feitos, batizados e treinados em todas as nações do mundo. Como chegar a essa meta? A resposta é deixar de lado as práticas religiosas humanas e incorporar por completo o método de Jesus.

O sonho mundial se torna o sonho para a nação onde vivemos. O sonho brasileiro de Jesus e nosso é que haja igrejas em todos os mais de 5.000 municípios brasileiros. Realmente, o alvo se estende a todos os bairros e vilas, possibilitando a participação de todos os brasileiros da vida do povo de Jesus.

O sonho brasileiro de Jesus e nosso é que haja igrejas em todos os mais de 5.000 municípios brasileiros.

Como relata Atos 1.8, o trabalho começou em Jerusalém e expandiu para Judéia e Samaria e, finalmente, para os confins da terra. Assim será conosco. Começa onde estamos (a nossa “Jerusalém”) e depois cresce para

a cidade inteira, a região, o estado, o país e até o exterior. Sempre procuramos as portas abertas: pessoas que querem conhecer Jesus, não importando onde estiverem. Com a simplicidade do uso de casas, todos os lugares são aptos para

Hoje reeditamos o que o apóstolo Paulo descreve em 1Coríntios 3: um planta, outro rega, mas o crescimento vem de Deus.

iniciar novas congregações. Fé, amor e boa vontade são os únicos requisitos; Deus fará o resto.

Hoje reeditamos o que o apóstolo Paulo descreve em 1Coríntios 3: um planta, outro rega, mas o crescimento vem de Deus. O que importa não somos nós e, muito menos, estratégias humanas, porém Deus é quem dá o crescimento. Ao invés de limitar a obra, pensando no que não podemos fazer, é preferível começar onde estamos e com as condições que temos e ver o que o Senhor fará.

Desta forma, testemunharemos a realização do “sonho brasileiro”. O sonho se tornará realidade pelo grande poder de Deus por meio dos seus filhos fiéis: discípulos feitos, casas abertas, salvação garantida – vitória total para o Senhor e seus seguidores.

Apêndice

Receita Caseira do Pão da Ceia

Incluimos aqui uma receita caseira para o pão da Ceia, preparado por Jacqueline Bost, esposa do autor.

Se você está acostumado a comer a “bolachinha” em sua participação na Ceia aos domingos, terá uma deliciosa surpresa ao experimentar este pão caseiro sem fermento.

Ingredientes

- 1 xícara de farinha de trigo
- 2 colheres de sopa cheias de margarina
- 1 pitada de sal
- 1 pitada de açúcar
- 1/4 xícara de água

Modo de Fazer

Misturar a farinha, a margarina, o sal e o açúcar até formar uma farofa. Acrescentar a água, misturando com a farofa, e amassar, formando o pão como se fosse um disco de pizza (redondo e achatado), com uns 15 cm de diâmetro. Colocar numa assadeira (não é necessário untar) e assar por 30 minutos, virando o pão na metade do tempo, para dourar dos dois lados. O tempo pode variar de acordo com o forno.

Outras obras de Bryan Jay Bost:

O mistério do Reino de Deus

Uma exposição espiritual do Evangelho de Marcos

Deus e o dinheiro

O papel das finanças na vida do cristão

Companheiros no Reino

Desafios & Vitórias na Vida a Dois

*em co-autoria com a esposa Jacqueline Foster Bost

O Obreiro Aprovado

O Ministério do Servo Bom e Fiel

*Prêmio da Associação de Editores Cristãos 1999

Deus e os Povos

Um Estudo em Ageu, Jonas e Habacuque

*em co-autoria com Álvaro César Pestana

Do Texto à Paráfrase

Como Estudar a Bíblia

*em co-autoria com Álvaro César Pestana

A Epístola de Paulo aos Colossenses

Um Breve Comentário

*em co-autoria com John Pennisi

Contatos:

bryan@vidacrista.com.br

Para entrar em contato diretamente com o autor.

editora@arteeditorial.com.br

Para adquirir exemplares desta obra ou de outros livros de Bryan Jay Bost.

www.vidacrista.com.br

Para *download* ou leitura *online*, das obras do autor e muitas outras que também estão disponíveis gratuitamente, em formato eletrônico, no portal de publicações.

www.arteeditorial.com.br

Para conhecer outras obras de autores cristãos com enfoque bíblico que poderão contribuir com o seu aprendizado e crescimento espiritual.

Saiba um pouco sobre a editora que publicou este livro

A Editora Vida Cristã foi fundada em 1977 com a missão de publicar literatura fiel aos ensinamentos encontrados nas Escrituras Sagradas. Nos últimos anos, tem acumulado diversos prêmios e reconhecimentos:

Prêmio ABEC **Autor Revelação**
Prêmio ABEC **Melhor Autor Estrangeiro Residente no Brasil**
Prêmio ABEC **Melhor Livro de Evangelização**
Prêmio ABEC **Melhor Livro de Vida Cristã**
Prêmio ABEC **Melhor Capa**
Prêmio Jabuti (finalista)
Mostra Ases da Capa (Museu da Imagem e do Som, SP)

A Vida Cristã é a primeira editora cristã 100% digital no Brasil: todos os seus livros são publicados com tecnologia digital *online* em nosso portal de publicações. Obras de autores nacionais são publicadas também pelo sistema *Print On Demand* (Impressão por Demanda) desenvolvido pela Vida Cristã, possibilitando a divulgação de conteúdo em forma impressa.

Em 2006 estabeleceu uma união com a Arte Editorial para a edição, publicação impressa e promoção de suas obras em todo o território nacional.
